

RESUMO

O trabalho investiga o “Efeito Bilbao” como estratégia de regeneração urbana e de reposicionamento internacional de cidades por meio de estratégias culturais. A partir do estudo do Museu Guggenheim Bilbao, analisa-se como a instalação de um equipamento cultural icônico, articulado a políticas públicas integradas, transformou a imagem da cidade, dinamizou sua economia e ampliou sua atratividade turística. São evidenciados aspectos positivos, como a requalificação urbana e a geração de empregos. Também se discutem efeitos adversos, como a especulação imobiliária, a gentrificação e o risco de mercantilização da cultura. O estudo apresenta ainda reflexões críticas sobre a pertinência do uso de grandes equipamentos culturais como instrumentos de regeneração urbana e ressalta a importância da participação da população nos processos de transformação. Conclui-se que o “Efeito Bilbao” não pode ser reduzido ao simbolismo arquitetônico, mas deve ser entendido como parte de uma estratégia mais ampla de planejamento urbano, cuja replicabilidade requer adaptação às especificidades locais, inclusão social e valorização das identidades culturais.

Palavras-chave: Efeito Bilbao; Regeneração urbana; Museu Guggenheim Bilbao; Planejamento urbano; Cultura e desenvolvimento.

ABSTRACT

This study investigates the “Bilbao Effect” as a strategy for urban regeneration and the international repositioning of cities through cultural strategies. Based on the case of the Guggenheim Museum Bilbao, it analyzes how the implementation of an iconic cultural facility, integrated with public policies, reshaped the city’s image, boosted its economy, and increased its tourist appeal. The positive aspects are highlighted, such as urban redevelopment and job creation. Adverse effects are also discussed, including real estate speculation, gentrification, and the risk of cultural commodification. The study further presents critical reflections on the relevance of using large cultural facilities as instruments of urban regeneration and emphasizes the importance of public participation in transformation processes. It concludes that the “Bilbao Effect” cannot be reduced to architectural symbolism, but should be understood as part of a broader urban planning strategy, whose replicability requires adaptation to local specificities, social inclusion, and the appreciation of cultural identities.

Keywords: Bilbao Effect; Urban Regeneration; Guggenheim Museum Bilbao; Urban Planning; Culture and Development.

1.INTRODUÇÃO

Criada por jornalistas e posteriormente incorporada ao vocabulário acadêmico, a expressão “Efeito Bilbao” refere-se ao impacto em escala internacional do Museu Guggenheim Bilbao, na Espanha, que se tornou um equipamento cultural catalisador da regeneração urbana e inspirou intervenções semelhantes em diferentes partes do mundo. Também chamado de “Efeito Guggenheim”, o fenômeno ocorre quando a construção de um marco arquitetônico icônico promove transformações urbanas significativas, revitaliza áreas degradadas e impulsiona o crescimento econômico. Essa estratégia busca tornar a cidade mais atraente no cenário global, estimular o turismo e as economias locais por meio da requalificação da paisagem urbana.

Apesar dos efeitos positivos atribuídos ao modelo, o caso de Bilbao também revelou consequências adversas para a população local, como especulação imobiliária e deslocamento de moradores de baixa renda associado à gentrificação. Além disso, a mercantilização da cultura e o risco de marginalização das tradições e artistas locais são ameaças devido ao predomínio de uma narrativa cultural orientada por interesses globais e de mercado. (GONZÁLEZ, 2006). Diante desse contexto, esta pesquisa apresenta um estudo sobre o Museu Guggenheim Bilbao, analisando-o como estratégia de regeneração urbana e social, com foco nas consequências urbanas, culturais e identitárias para a cidade e sua população. Parte-se da seguinte questão de pesquisa: como implementar adequadamente um museu como ferramenta de regeneração urbana, de modo a promover a qualidade de vida e a preservação da cultura local, evitando transformações meramente superficiais, exclusão social e perda de identidade coletiva?

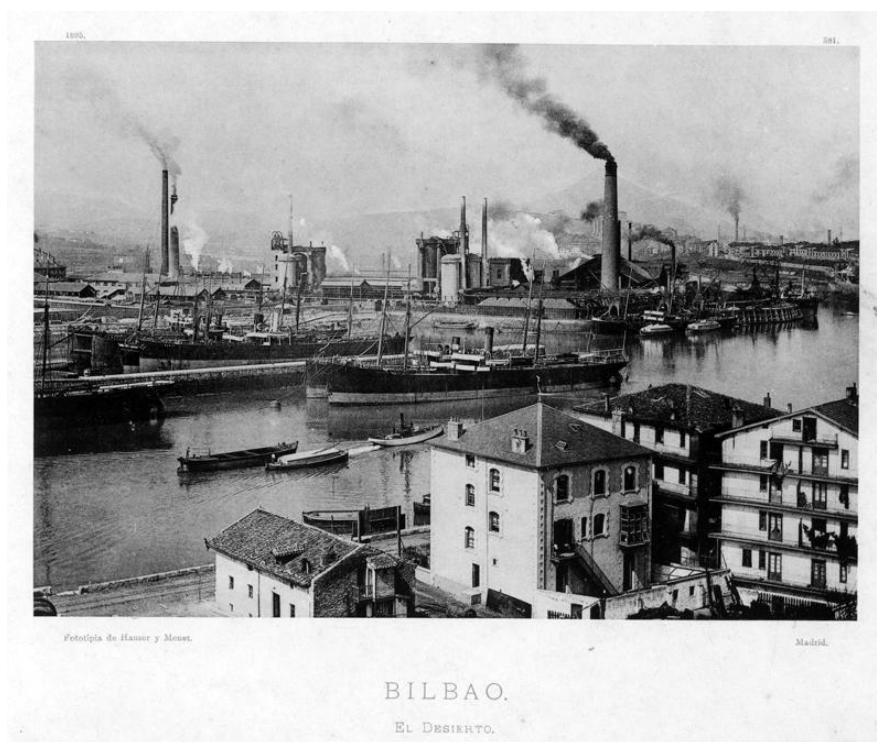
O trabalho justifica-se pela relevância de compreender como equipamentos culturais podem ser utilizados no planejamento urbano contemporâneo, especialmente em contextos de desindustrialização e busca por novas centralidades. A metodologia adota abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e estudo de caso, examinando as condições históricas, políticas e econômicas de Bilbao, bem como os impactos positivos e negativos do Guggenheim. A análise busca, ainda, refletir sobre a pertinência do modelo e discutir sua possível adaptação a diferentes contextos, destacando a importância da inclusão social e da valorização das identidades culturais nos processos de regeneração urbana.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 PANORAMA HISTÓRICO DE BILBAO

A partir da segunda metade do século XIX, Bilbao se consolidou como um dos principais centros industriais da Espanha, impulsionado por sua localização estratégica e por um ambiente favorável ao comércio e à manufatura. De acordo com o arquiteto e urbanista Areso (2017), ex-prefeito de Bilbao e figura importante na transformação urbana da cidade durante os últimos 30 anos, o crescimento econômico estava relacionado com a demanda internacional de ferro, além do desenvolvimento da construção naval e do setor têxtil. Esse cenário estabeleceu Bilbao como uma capital financeira espanhola, atraindo investimentos estrangeiros e trabalhadores. Com a chegada de imigrantes de diversas regiões da Espanha e a formação de bairros operários, a cidade expandiu rapidamente sua área urbana, consolidando-se como uma metrópole industrial de influência nacional. (ARESO, 2017).

Imagem 01: Indústrias e estaleiros ao longo do rio Nervión.



Fonte: Acervo do museu Vasco de Bilbao. Autoria: Hauser e Menet, 1895.

No entanto, a década de 1970 marcou o início do declínio industrial de Bilbao, devido principalmente pelas transformações econômicas globais e pela crise das indústrias tradicionais. O fechamento de fábricas e a redução da atividade portuária provocaram uma grave estagnação econômica, aumento do desemprego e deterioração da infraestrutura urbana. (ARESO, 2017). Areso (2017) destaca que esse processo afetou profundamente a cidade, com taxas de desemprego atingindo 35% na zona industrial e uma acentuada degradação do espaço urbano, que também agravou os problemas ambientais e intensificou a exclusão social. (ARESO, 2017). A crise industrial de Bilbao foi agravada pela enchente de 1983, uma das mais devastadoras de sua história. O rio Nervión, que atravessa a cidade e serve como ponto estratégico de transporte e atividade econômica, transbordou, inundando bairros inteiros e destruindo parte da infraestrutura local.

Imagem 02, 03, 04 e 05: Transformações urbanas em Abandoibarra, Bilbao.



Fonte: Acervo pessoal de Ibon Areso, 2017.

A urgência da situação exigiu uma intervenção estratégica e imediata, desencadeando um amplo processo de regeneração urbana em Bilbao. Na introdução do livro “Urban Regeneration: A Handbook” (2000), Roberts e Sykes definem a regeneração urbana como um processo abrangente e integrado, voltado para a resolução de problemas urbanos e a promoção de melhorias a longo prazo nas condições econômicas, físicas, sociais e ambientais de áreas em transformação. Essa definição, amplamente aceita pela comunidade científica, justifica o uso do termo no contexto de Bilbao, onde a transformação urbana não se limitou a melhorias pontuais ou superficiais, mas envolveu uma reestruturação profunda do contexto urbano da cidade.

Areso enfatiza que essa mudança teve um caráter abrangente, visando criar oportunidades econômicas, especialmente no setor terciário. Nesse caso, a regeneração urbana se materializou na requalificação de áreas degradadas, na revitalização do rio Nervión e no desenvolvimento de um plano urbano marcado pela construção e inovação arquitetônica. Assim, essa abordagem buscava restaurar a identidade da cidade, consolidando Bilbao como uma metrópole pós-industrial dinâmica e atrativa. (ARESO, 2017).

2.2 ANÁLISE DO PLANO DE REGENERAÇÃO URBANA BILBAO RIA 2000

A partir da década de 1980, Bilbao deu início a um plano extensivo de regeneração urbana, buscando reverter o declínio causado pela desindustrialização e promover um novo modelo de crescimento para a cidade. Para isso, foi criado o Consórcio para a Revitalização de Bilbao (Bilbao Ría 2000), uma parceria estratégica entre a prefeitura de Bilbao, o conselho provincial de Bizkaia, o governo basco e o governo central da Espanha. Para Robles (2017), Conselheiro Delegado de Planejamento Urbano, Projetos Estratégicos e Espaço Público da Prefeitura de Bilbao, essa estrutura permitiu uma gestão integrada e eficiente das transformações urbanas necessárias.

Instituído oficialmente em 1992, o Bilbao Ría 2000 tinha como missão coordenar e executar projetos urbanísticos em áreas estratégicas ao longo da Ría de Bilbao. Segundo Serra (2011), diretor do gabinete de arquitetura da prefeitura entre 1991 e 2005, o plano foi estruturado para recuperar áreas degradadas e melhorar a qualidade de vida da população. Para isso, foram identificados "espaços de oportunidade" dentro da metrópole, como a Zona de Abandoibarra, convertendo antigas áreas industriais e portuárias em espaços urbanos e comerciais estratégicos (SERRA, 2011). Além disso, a rápida captação de recursos foi uma

prioridade, garantindo o aproveitamento de auxílios financeiros da União Europeia e de outras instituições para viabilizar os projetos. A execução das intervenções também exigiu uma coordenação eficaz entre diferentes instituições e empresas, por meio de uma abordagem integrada. (SERRA, 2011).

Imagem 06: "Espaços de oportunidade" identificados pelo Bilbao Ría 2000.



Fonte: Conselho provincial de Bizkaia.

Imagem 07: Maquete do Plano Parcial da Zona de Barakaldo-Galindo, 2000.



Fonte: Bilbao Ría 2000.

Entre as principais ações projetuais promovidas pelo Bilbao Ría 2000, destaca-se a reurbanização de Abandoibarra, que transformou a antiga área industrial em um novo polo cultural, comercial e residencial, criando espaços públicos, como parques, praças e passeios ao

longo da Ría de Bilbao, ampliando a acessibilidade e propiciando a interação social e cultural. No campo da infraestrutura, foram implementadas melhorias na mobilidade urbana, como a Variante Sur Ferroviária, que ampliou a conectividade metropolitana, e a revitalização de distritos como Basurto-Olabeaga, promovendo uma melhor integração entre áreas residenciais e universitárias (SERRA, 2011). A escolha de arquitetos renomados para os projetos de infraestrutura tinha por objetivo promover uma nova imagem para a cidade. Os novos metrô, projetados por Foster e inaugurados em 1995, tornaram-se um exemplo de identidade visual marcante, com as entradas envidraçadas que se converteram em marcos do espaço público metropolitano de Bilbao (FOSTER + PARTNERS, 1995).

Imagem 08: Metrô em Bilbao projetado por Norman Foster + Partners, 1995.



Fonte: Norman Foster + Partners.

Por sua vez, o aeroporto de Bilbao, assinado por Calatrava e inaugurado em 2000, apresenta uma forma escultórica inspirada em um pássaro em voo, simbolizando a abertura da cidade aos fluxos internacionais e a valorização da arquitetura como elemento de identidade (CALATRAVA, 2000). Como observa os estudiosos González e Vicario (2005), a escolha de arquitetos de prestígio internacional foi fundamental não apenas para atender às demandas funcionais de mobilidade, mas também para consolidar o “efeito Bilbao”, em que a arquitetura de vanguarda se tornou motor de regeneração urbana e de projeção global.

Imagem 09: Aeroporto Sondica Bilbao, projetado por Santiago Calatrava, 2000.



Fonte: Santiago Calatrava Architects & Engineers.

Assim, a atuação da Bilbao Ría 2000 gerou resultados significativos na regeneração da cidade, contribuindo para a valorização da imagem urbana, a atração de turistas e a captação de novos investimentos (SERRA, 2011). No entanto, essas iniciativas também foram alvo de críticas, especialmente no que diz respeito aos riscos de gentrificação e exclusão social, uma vez que os benefícios da transformação nem sempre alcançaram a população de forma equitativa. O projeto gerou também questionamentos acerca da pressão por resultados, que teria comprometido a qualidade das soluções urbanísticas adotadas. (SERRA, 2011).

2.3 CRIAÇÃO DO MUSEU E DO “EFEITO BILBAO” NO CONTEXTO URBANO E SOCIOCULTURAL

Diante desse cenário de crescimento e transformação, a criação do Museu Guggenheim Bilbao destacou-se como um dos pontos centrais do plano de regeneração urbana, consolidando a cultura como vetor do desenvolvimento urbano da cidade. (ROBLES, 2017). O governo basco, em conjunto com a Fundação Solomon R. Guggenheim, iniciou em 1991 as negociações para a construção do museu, concebido como um marco arquitetônico capaz de requalificar a paisagem urbana e reposicionar a cidade em termos culturais e econômicos (ROBLES, 2017).

Essa parceria representou uma mudança de paradigma ao utilizar a cultura como ferramenta estratégica para regenerar a cidade e reduzir os impactos da desindustrialização. (ROBLES, 2017).

De acordo com o diretor geral do Museu Guggenheim Bilbao, Vidarte (2007), a escolha do arquiteto Frank Gehry foi uma estratégia simbólica para promover um novo apelo internacional para a cidade. O edifício, marcado por formas curvas e pelo uso do titânio na fachada, foi implantado às margens do rio Nervión e, nas palavras do arquiteto, foi projetado para ser “uma experiência urbana [...] conectada com a cidade e com o rio”. (GEHRY, 1997). Dessa forma, o museu tinha como proposta reconectar Bilbao ao seu espaço fluvial, historicamente negligenciado durante o período industrial.

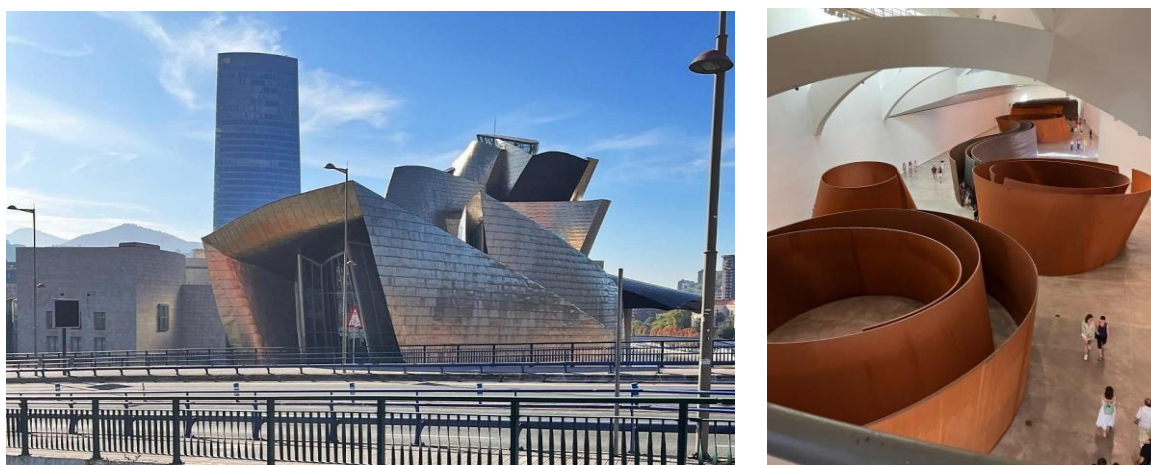
Desde sua inauguração em 18 de outubro de 1997, foi possível observar o impacto econômico do Museu através de dados concretos. De acordo com Plaza (2000), economista basca e referência nos estudos sobre os efeitos econômicos e culturais do Museu Guggenheim Bilbao, nos três primeiros anos de funcionamento, o museu recebeu cerca de 4 milhões de visitantes, gerando um impacto econômico estimado em 500 milhões de euros para a cidade e a região, além de contribuir significativamente para a criação de novos postos de trabalho diretos e indiretos. Ao longo da primeira década, consolidou-se como um dos principais destinos culturais da Europa, recebendo em média um milhão de visitantes por ano, número expressivo para uma cidade de pouco mais de 350 mil habitantes (PLAZA, 2006). Segundo González (2004), esse êxito reduziu a dependência de Bilbao em relação às indústrias tradicionais, reposicionando a cidade no mapa turístico e cultural global.

Esse fenômeno passou a ser amplamente conhecido como “efeito Bilbao”, termo que, conforme Plaza (2000), define o processo pelo qual um grande equipamento cultural, aliado a políticas públicas de regeneração urbana, é capaz de transformar a imagem internacional de uma cidade, dinamizar sua economia e impulsionar processos de revitalização urbana. A expressão, popularizada também por outros autores como jornalistas, políticos e urbanistas, tornou-se referência em debates sobre urbanismo e cultura, sendo utilizada para descrever a replicação dessa estratégia em diferentes contextos internacionais. Assim, conferências, relatórios e publicações passaram a citar Bilbao como exemplo, reforçando a ideia de que a cultura poderia atuar como motor estratégico de transformação econômica e social. (GONZÁLEZ, 2006).

Contudo, a difusão internacional do “efeito Bilbao” exige uma leitura crítica. Os benefícios atribuídos ao museu não podem ser vistos como resultado exclusivo de sua

construção, mas como parte de uma estratégia urbana articulada, que combinou investimentos culturais com políticas públicas integradas (GONZÁLEZ, 2006). Além disso, González (2006) ressalta os efeitos colaterais frequentemente negligenciados, como a elevação do custo de vida e a transformação de áreas históricas em espaços voltados ao turismo e ao consumo, o que evidencia o caráter ambíguo e controverso do modelo.

Imagem 10 e 11: Museu Guggenheim Bilbao, 2023.



Fonte: Fotografias autorais.

No âmbito cultural, o museu aspirava a se consolidar como um centro cultural de referência na Europa, o que exigia uma programação de exposições que transcendesse o cenário local. (VIDARTE, 2007). Entretanto, a ênfase na atração de investimentos e visitantes impactou negativamente a cena artística local e a diversidade cultural de Bilbao, revelando que o chamado “efeito Bilbao” não pode ser interpretado como um modelo universal de sucesso, mas como um fenômeno complexo e ambíguo. Nesse mesmo sentido crítico, Arantes (2000) observa que os novos museus tendem a “marginalizar tradições culturais vivas e artistas locais em nome da lógica de mercado e da espetacularização global”, reforçando que a busca por projeção internacional pode enfraquecer a vitalidade da cultura local.

Por um lado, o museu contribuiu para transformações na autoestima coletiva e a percepção internacional da cidade, além de intensificar o envolvimento da população com eventos culturais e artísticos (VIDARTE, 2007). Por outro, enfrentou ceticismo e resistência

devido ao questionamento acerca da priorização de um grande equipamento cultural em detrimento de necessidades sociais mais urgentes, como a geração de empregos e a melhoria dos serviços públicos. De acordo com a professora urbanista e geógrafa da Universidade González (2004), o processo relacionado a construção do museu foi conduzido de forma verticalizada, com pouca consulta pública, gerando questionamentos sobre a legitimidade democrática da iniciativa.

Imagem 12: Ativistas manifestam contra apartamentos turísticos, Bilbao, 2024.



Fonte: Jornal Bilbaohiria, 2024.

Por um lado, o museu contribuiu para transformações na autoestima coletiva e a percepção internacional da cidade, além de intensificar o envolvimento da população com eventos culturais e artísticos (VIDARTE, 2007). Por outro, enfrentou ceticismo e resistência devido ao questionamento acerca da priorização de um grande equipamento cultural em detrimento de necessidades sociais mais urgentes, como a geração de empregos e a melhoria dos serviços públicos. De acordo com a professora urbanista e geógrafa da Universidade González (2004), o processo relacionado a construção do museu foi conduzido de forma

verticalizada, com pouca consulta pública, gerando questionamentos sobre a legitimidade democrática da iniciativa.

Outro fator que também afetou diretamente a população local foi a gentrificação. Como define Smith (1996), trata-se de um “processo de revalorização e reocupação de áreas urbanas centrais por grupos de maior poder aquisitivo, geralmente acompanhado da expulsão de moradores tradicionais de menor renda”. Em Bilbao, bairros populares e industriais foram progressivamente reconfigurados, atraindo investimentos e turistas, mas também expulsando populações de menor renda. Assim, embora o Guggenheim tenha impulsionado o turismo e ampliado a projeção internacional da cidade, a regeneração urbana também produziu impactos sociais desiguais, expondo a tensão entre revitalização econômica e exclusão social.

2.4 MUSEUS COMO FERRAMENTA DE REGENERAÇÃO URBANA

O caso do Museu Guggenheim Bilbao representa uma referência central nos debates sobre regeneração urbana, apresentando grande potencial como ponto de partida para reflexões ampliadas sobre o tema. A experiência basca demonstrou tanto a capacidade dos museus de transformar a imagem internacional de uma cidade quanto as limitações de modelos de revitalização que privilegiam o impacto econômico imediato em detrimento da integração social e cultural. A partir desse caso, a discussão contemporânea passa a se concentrar em como os museus podem atuar hoje em processos de regeneração urbana de forma mais inclusiva, sustentável e adaptada às realidades locais. (PLAZA, 2006). Assim, é necessário compreender os museus não apenas como equipamentos culturais de prestígio, mas como agentes inseridos em dinâmicas urbanas complexas.

Nesse sentido, pesquisadores brasileiros têm destacado o papel dos museus como infraestruturas de memória urbana e responsabilidade pública, capazes de articular preservação cultural e transformação social. Marins e Borrego (2021), ao apresentarem o dossiê dos Anais do Museu Paulista, reforçam que essas instituições devem ser compreendidas como parte integrante do tecido urbano, assumindo responsabilidades que ultrapassam a conservação de acervos e se estendem ao fortalecimento da cidadania e da identidade coletiva. Essa visão amplia as reflexões acerca do “efeito Bilbao”, situando os museus não apenas como ícones arquitetônicos, mas como atores que participam ativamente das políticas culturais e urbanas.

Na mesma linha, Reis (2021), geógrafa e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, argumenta que experiências de museus de território demonstram o potencial dessas

instituições em promover processos de musealização voltados para a valorização de contextos locais, fortalecendo vínculos comunitários e estimulando formas de regeneração urbana que não se limitam apenas ao impacto econômico. Essa abordagem evidencia que a eficácia dos museus como agentes de transformação depende de sua integração às dinâmicas sociais, territoriais e políticas específicas de cada localidade.

Esse entendimento é fortalecido pelo relatório elaborado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2022), que avaliou o impacto socioeconômico dos museus no Brasil. O estudo evidencia que os museus geram benefícios diretos e indiretos para as economias locais, dinamizando o turismo, os serviços e o emprego, mas também revelam sua relevância no fortalecimento das identidades culturais e na promoção da inclusão social. Ainda, o IBRAM demonstra que a participação comunitária e a valorização da diversidade são elementos centrais para que os efeitos positivos dos museus se consolidem de maneira duradoura, apontando que a regeneração urbana mediada por essas instituições não pode se restringir ao crescimento econômico, devendo priorizar igualmente a equidade social e a sustentabilidade cultural.

Dessa forma, torna-se essencial conectar a atuação dos museus às políticas públicas urbanas. O Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001), marco da legislação urbanística brasileira, estabeleceu diretrizes para a gestão e as funções sociais da cidade, apontando que o planejamento urbano deve articular interesses coletivos e privados. Conforme discutido no livro “Os Planos Diretores Municipais pós-Estatuto da Cidade” (2011), a efetividade dessa legislação depende da materialização de suas diretrizes em políticas locais, nas quais instituições culturais podem desempenhar papel estratégico. Essa perspectiva também amplia e ressalta a noção de que os museus não devem ser tratados como equipamentos isolados, mas como agentes integrados às políticas urbanas, dialogando diretamente com os direitos à cidade, à memória e à identidade.

A urbanista Maricato, referência crítica no campo do planejamento urbano, argumenta que os Planos Diretores devem ser entendidos como instrumentos de inclusão social e de justiça espacial, funcionando como marcos regulatórios capazes de reduzir desigualdades. Dessa forma, quando associados a essas políticas, os museus ultrapassam sua função tradicional de preservação de acervos e assumem papéis de mediadores na transformação do espaço urbano. Junior e Montandon (2011), ao analisarem a implementação dos planos diretores no Brasil, reforçam que sua efetividade depende da integração e participação cidadã, ponto no qual os museus podem atuar como catalisadores de dinâmicas urbanas mais democráticas e participativas.

Um exemplo ilustrativo desse potencial é o Museu de Arte de Rua (MAR), inaugurado em 2017 em São Paulo, que demonstra como a arte urbana pode ser incorporada ao planejamento e à vivência da cidade. Ao transformar espaços de circulação cotidiana em lugares de fruição cultural, o MAR conecta expressões artísticas populares com políticas de regeneração urbana, estimulando a ocupação social do território e o fortalecimento do vínculo comunitário. Assim, experiências como essa mostram que a valorização da produção cultural local pode gerar processos de requalificação mais próximos da realidade das populações, em oposição a modelos importados ou excessivamente mercantilizados.

Imagem 13 e 14: Museu de Arte de Rua (MAR), São Paulo, 2025.



Fonte: Prefeitura de São Paulo.

De modo distinto, mas em escala mais ampla, o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, constitui um caso paradigmático, frequentemente comparado ao Guggenheim Bilbao. Sua implantação integrou-se ao projeto de revitalização da zona portuária, mobilizando investimentos e grande visibilidade internacional. Contudo, como alerta o geógrafo Vainer (2011), crítico das estratégias de “cidade espetáculo”, projetos orientados pela lógica do mercado tendem a privilegiar a competitividade global em detrimento da inclusão social. Nesse contexto, o Museu do Amanhã evidencia tanto o potencial de projeção simbólica e turística quanto os dilemas sociais de uma regeneração urbana que nem sempre distribui benefícios de forma equitativa para a população local.

Imagem 15: Museu do Amanhã e Praça Mauá, Rio de Janeiro, 2016.



Fotografia: Fausto Sombra.

Dessa forma, a conexão entre museus e políticas públicas urbanas deve ser compreendida uma oportunidade para conciliar memória, identidade e inovação, evitando que as instituições culturais sejam instrumentalizadas apenas como ícones do marketing urbano. A incorporação das diretrizes do Estatuto da Cidade e de seus instrumentos derivados reforça a necessidade de compreender os museus como protagonistas em processos de regeneração que priorizem justiça social, diversidade cultural e sustentabilidade, em consonância com as críticas de autores como González (2004) e Plaza (2006), que denunciam os riscos da redução da cidade a uma mercadoria.

3. CONCLUSÃO

A pesquisa em torno do “efeito Bilbao” evidenciou que os museus podem ser importantes catalisadores de regeneração urbana, mas também alertou para os riscos de abordagens superficiais que priorizam a visibilidade internacional em detrimento das necessidades locais. O caso do Guggenheim Bilbao demonstrou que seu êxito não se restringiu à criação de um ícone arquitetônico, mas esteve vinculado a uma estratégia urbana articulada, sustentada por investimentos culturais, políticas públicas integradas e um contexto social e institucional específico. Essa experiência reforça que os resultados de projetos culturais de grande impacto dependem de sua capacidade de dialogar com as realidades e demandas próprias de cada território, e que o “efeito Bilbao” não é uma fórmula para ser replicada.

Respondendo à pergunta da pesquisa, a implementação adequada de um museu como ferramenta de regeneração urbana deve estar vinculada a uma estratégia urbana articulada, sustentada por investimentos culturais e por políticas públicas integradas ao contexto social. Esse modelo demonstra que resultados duradouros dependem do diálogo com as necessidades locais, da inclusão social e da valorização das identidades culturais. Assim, torna-se evidente que os museus não devem ser compreendidos apenas como equipamentos culturais isolados, mas como infraestruturas urbanas e sociais capazes de articular memória, identidade e cidadania. Quando inseridos de forma estratégica em políticas de desenvolvimento urbano, os museus podem promover processos de regeneração que ultrapassam a lógica econômica e se orientam pela inclusão social e pela diversidade cultural.

Essas reflexões ampliam o entendimento do papel contemporâneo dos museus não apenas como equipamentos voltados ao turismo e a economia, mas como espaços vivos de produção cultural e diálogo social. Portanto, a principal conclusão deste trabalho é que os museus, quando compreendidos como agentes ativos e integrados às dinâmicas urbanas, podem se consolidar como ferramentas de transformação. Seu potencial vai além da preservação de acervos ou da atração turística, mas reside na capacidade de requalificar territórios, valorizar identidades locais e ampliar o direito à cidade.

4.REFERÊNCIAS

ARESO, I. Bilbao's strategic evolution: Metamorphosis of the industrial city. MAS Context, 30, p. 126-147. 2017. Disponível em: <https://mascontext.com/issues/bilbao/bilbaos-strategic-evolution-the-metamorphosis-of-the-industrial-city> Acesso em: 16 de fevereiro de 2025.

BRASIL. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 11 jul. 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm. Acesso em: 17 de abril de 2025.

CALATRAVA, Santiago. Aeropuerto de Bilbao. Madrid: Ministerio de Fomento, 2000. Disponível em: <https://www.calatrava.com/projects/bilbao-airport.html> Acesso em: 18 de abril de 2025.

FOSTER + PARTNERS. Metro de Bilbao. London: Foster + Partners, 1995. Disponível em: <https://www.fosterandpartners.com/projects/bilbao-metro/> Acesso em: 18 de abril de 2025.

GEHRY, Frank. Guggenheim Museum Bilbao – The architect's vision. Solomon R. Guggenheim Foundation, 1997. Disponível em: <https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/the-building> Acesso em: 15 de junho de 2025.

GONZÁLEZ, S. The role of the Guggenheim Museum in the development of urban entrepreneurial practices in Bilbao. *International Journal of Iberian Studies* Nº 16. p. 177-186. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/265233035_The_role_of_the_Guggenheim_Bilbao_Museum_in_the_development_of_urban_entrepreneurial_practices_in_Bilbao Acesso em: 17 de fevereiro de 2025.

GONZÁLEZ, S. Scalar Narratives in Bilbao: A Cultural Politics of Scales Approach to the Study of Urban Policy. *International Journal of Urban and Regional Research*, [S.l.], v. 30, n. 4, p. 836-857. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/227619919_Scalar_Narratives_in_Bilbao_A_Cultural_Politics_of_Scales_Approach_to_the_Study_of_Urban_Policy Acesso em: 20 de março de 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. IBRAM. NÚCLEO DE ESTUDOS EM ECONOMIA CRIATIVA E DA CULTURA – NECCULT/UFRGS. Avaliação do impacto

socioeconômico de museus no Brasil: um estudo exploratório. Brasília, DF: Ibram, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/livros/avaliacao-do-impacto-socioeconomico-de-museus-no-brasil.pdf> Acesso em: 15 de junho de 2025.

MARICATO, Ermínia; SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos; MONTANDON, Daniel Todtmann (orgs.). Os planos diretores municipais pós-Estatuto da Cidade: balanço crítico e perspectivas. Rio de Janeiro: Letra Capital / Observatório das Cidades / IPPUR/UFRJ, 2011. Disponível em: https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wpcontent/uploads/2013/04/livro_plano_direto_r.pdf Acesso em: 4 de agosto de 2025.

MARINS, P; BORREGO, M. Apresentação. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 29, p. 1–8, 2021. DOI: 10.1590/1982-02672021v29e63. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/193410> Acesso em: 18 de junho de 2025.

PLAZA, B. Evaluating the influence of a large cultural artifact in the attraction of tourism: the Guggenheim Museum Bilbao case. Urban Affairs Review, Thousand Oaks, v. 36, n. 2, p. 264-274, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249734565_Evaluating_the_Influence_of_a_Large_Cultural_Artifact_in_the_Attraction_of_Tourism_The_Guggenheim_Museum_Bilbao_Case Acesso em: 21 de julho de 2025.

PLAZA, B. The Return on Investment of the Guggenheim Museum Bilbao. International Journal of Urban and Regional Research, v. 30, n. 2, p. 452-467, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/4761544_The_Return_on_Investment_of_the_Guggenheim_Museum_Bilbao Acesso em: 12 de março de 2025.

REIS, A. Os museus de território enquanto estratégia de mobilização do patrimônio ambiental e cultural. Revista CPC, v. 16, n. 31, p. 69–94, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/175062> . Acesso em: 2 de agosto de 2025.

ROBERTS, P.; SYKES, H. Urban regeneration: a hand-book. SAGE Publications Ltd. Capítulo 1. p. 9-36. 2000. Disponível em: <https://sk.sagepub.com/hnbk/edvol/urban-regeneration/chpt/evolution-definition-purpose-urban-regeneration> Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.

SERRA, E. La revitalización del área metropolitana de Bilbao: La gestión de Bilbao Ría 2000, aspectos territoriales. Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles Nº 55. p. 35-37. 2011.

Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3606457> Acesso em: 16 de fevereiro de 2025.

SMITH, N. The new urban frontier: gentrification and the revanchist city. London; New York: Routledge, 1996. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/1603229/the-new-urban-frontier-gentrification-and-the-revanchist-city-pdf> Acesso em: 22 de fevereiro de 2025.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 75-103. Disponível em: <https://labcs.paginas.ufsc.br/files/2011/12/16.-VAINER-C.B.-P%C3%A1tria-empresa-e-mercadoria.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2025.

VIDARTE, I. Nuevas infraestructuras culturales como factor de renovación urbanística, revitalización social y regeneración económica. El Museo Guggenheim Bilbao. Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España, n. 12, p. 99- 108, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2505594> Acesso em: 1 de março de 2025.

WOUTERS, M. Reinventing Bilbao, the story of the Bilbao Effect. In C. Piselli, H. Altan, O. Balaban, P. Kremer (eds), *Innovating Strategies and Solutions for Urban Performance and Regeneration. Advances in Science, Technology & Innovation*, p. 37–48. Springer. 2022.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361741169_Innovating_Strategies_and_Solutions_for_Urban_Performance_and_Regeneration Acesso em: 25 de fevereiro de 2025.